

Os gêneros discursivos no assentamento Poções-GO como recurso para a contraposição de vozes entre sujeito empírico e científico

Ondina Maria da Silva Macedo¹
Eliane Marquez da Fonseca Fernandes²

Resumo: Este artigo objetiva fazer um levantamento dos gêneros discursivos utilizados no assentamento *Poções-GO* durante os cursos que lá acontecem, bem como descrever como os diferentes sujeitos se relacionam no processo sociointeracional. Partimos da concepção bakhtiniana de que há uma diversidade e uma heterogeneidade dos gêneros em toda e qualquer esfera da comunicação humana. Constatamos, na interação, o entrecruzamento de vozes da empiria e da técnica científicas escolhas que os interlocutores fazem de determinado gênero. Após o contato com os colaboradores por meio da observação participante e da realização de entrevistas, percebemos que alguns gêneros científicos se transformam de acordo com as necessidades socioculturais. Além disso, esses gêneros emergem de acordo com o lugar do sujeito e dos papéis que assume, num processo de profunda diversidade, heterogeneidade e dialogismo.

Palavras-chave: Gênero. Sujeito. Interação.

Este trabalho surgiu de uma inquietação aflorada durante um encontro entre técnicos agrícolas do Instituto Federal Goiano

¹ Mestranda na Universidade Federal de Goiás – GO e Professora no Instituto Federal Goiano – Câmpus Ceres.

² Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás.

Revista Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 15	n. 25	p. 311 - 326	Recebido em: 31 maio 2013. Aprovado em: 26 jul. 2013.
-----------------------------	----------------------	-------	-------	--------------	--

Câmpus Ceres e um grupo de assentados do Assentamento *Poções-GO*. Ao observarmos o discurso apresentado pelos técnicos, representantes do conhecimento científico, angustiou-nos a necessidade de saber qual o entendimento que os assentados tinham acerca do material escrito oralizado, bem como do material escrito em forma de apostila que lhes era deixado após a conclusão desse encontro, pois passou a ser de nosso conhecimento a grande quantidade de adequações que os assentados precisam fazer para acompanhar os projetos com os quais são agraciados. E conhecer esses projetos significa sobremaneira lidar com gêneros com os quais muitas vezes eles não estão habituados. Os gêneros discursivos escritos geralmente se apresentam em forma de apostila com orientações diversas, preparadas por sujeitos que dominam o vocabulário científico. É preciso levar em conta que essa apostila é manuseada por outros sujeitos que praticamente não têm acesso a esse gênero discursivo. Sabemos bem que “cada comunidade humana criou seus símbolos a partir de relações endógenase exógenas das diversas línguas e linguagens, de modo disperso e em constante mutação” (SOUZA, 2012, p. 419). Como lidar com essa diversidade linguística em uma comunidade que já possui seus símbolos na prática diária foi a nossa maior inquietação.

Na primeira parte, nosso trabalho apresenta uma descrição do assentamento, bem como um detalhamento acerca dos cursos que lá acontecem. Em seguida, a concepção de língua adotada, a metodologia e então partimos para a análise pautada nesses conceitos.

1 O CAMPO DE PESQUISA: O ASSENTAMENTO, OS ASSENTADOS

Nossa pesquisa realizou-se no Assentamento *Poções-GO*, localizado no município de Rialma (cidade com 10.516 habitantes – censo 2012), à margem direita da BR 153 (Rodovia Belém Brasília), sentido Norte km 297, a aproximadamente 190 quilômetros de Goiânia, capital do estado de Goiás. A cidade de Rialma situa-se no Vale de São Patrício, médio norte de Goiás, às margens do rio das Almas. O assentamento situa-se a 12 km dessa cidade e lá residem 67 famílias, num total de 240 moradores.

(PROHAN, 2008).

Os assentados possuem residências com relativas condições de higiene, construídas em alvenaria, serviço de água de cisterna, poço artesiano ou retirada direto da fonte (córrego ou rio) para a caixa d'água das casas, o esgoto é por meio de fossa séptica. Possuem renda aproximada de dois salários mínimos mensais. Quando necessitam de assistência médica, recorrem à rede pública de Rialma. O ensino fundamental e médio das crianças e adolescentes também ocorre nesse município ou em Ceres, outra cidade vizinha, que tem como separação de Rialma, o rio das Almas. O meio de transporte mais utilizado é o ônibus municipal ou motocicleta. Alguns moradores do assentamento cultivam hortaliça, como alface, couve e cebolinha. Outros, produtos agrícolas para seu sustento, como arroz e feijão. Há ainda a grande maioria que atua com a criação de caprinos, bovinos, piscicultura e avicultura. No entanto, a maior parte dos jovens trabalha no comércio, nas cidades citadas.

Nossa coleta de dados se efetivou por meio do contato direto com os sujeitos participantes desses cursos. Participamos da etapa de inscrição juntamente com o organizador. Todos os moradores foram convidados, dez se inscreveram, mas apenas oito participaram do curso *Criação de Galinha Caipira*, que aconteceu em meados de fevereiro de 2013, com duração de três dias. Já no curso de *cozinha rural*, realizado em 2012, houve maior participação, doze pessoas.

Para discutir as relações entre gêneros científicos e empíricos, participamos desses cursos juntamente com os assentados, coletando suas falas. Em seguida, mapeamos parte do material escrito nas apostilas deixadas pelos técnicos e realizamos entrevistas semiestruturadas, procurando estabelecer relações entre o que foi escrito pelo técnico e como isso foi interpretado pelo sujeito assentado. No intuito de assegurar a integridade da pesquisa, não informamos os nomes de nossos colaboradores, utilizamos a seguinte nomenclatura: P= pesquisador; C1 = Colaborador 1; C2 = Colaborador 2; C3= Colaborador 3; C4=Colaborador 4 e T= técnico.

A proposta metodológica de nossa pesquisa “explora características dos indivíduos e cenários que não podem facilmente

Os gêneros discursivos no assentamento Poções-go como recurso para a contraposição de vozes entre sujeito empírico e científico

ser descritos numericamente” (MOREIRA; CALEFFE, 2008. p. 73). Dessa forma, nosso trabalho centra-se no âmbito da pesquisa qualitativa, pois como descreve Sandín Esteban (2010), sua aplicação justifica-se por possuir caráter contextual, requerer negociação com os participantes e utilização de conhecimento tácito, dentre outros aspectos. Além disso, os estudos qualitativos envolvem duração, intensidade, diálogo e maior aproximação com os participantes.

O assentamento *Poções-GO* recebe várias intervenções de órgãos e entidades que ali se instalam, por alguns dias, no intuito de promover cursos e apresentar técnicas e inovações, a fim de proporcionar interação entre os assentados, bem como melhoria em sua qualidade de vida. Os representantes desses órgãos têm como discurso o aperfeiçoamento profissional rural e a busca da promoção social. Defendem que esses projetos contribuem para o desenvolvimento do homem como cidadão e como trabalhador, visando ao seu crescimento e ao bem-estar social.

Esses profissionais assumem a responsabilidade de ministrar os cursos. Usualmente as aulas são teóricas, seguidas de práticas. Dependendo do foco, acompanham as atividades dos assentados durante meses para averiguar a aplicação das técnicas visualizadas nas aulas teóricas.

Todas essas ações interativas acontecem pela e na linguagem, reiterando a concepção bakhtiniana (2003), a qual ressalta que a linguagem é sempre intermediada por um gênero discursivo. Assim, este artigo observa se os gêneros de maior recorrência durante esses eventos propiciam a interação entre assentados e técnicos ou apenas se limitam à aplicação de técnicas.

Levamos em consideração os aspectos socio-históricos da situação enunciativa, privilegiando a finalidade do locutor e, sobremaneira, sua apreciação valorativa sobre seu interlocutor (ROJO, 2005). Dessa forma, nossa atenção centra-se na posição que assumem os sujeitos, bem como nas formas discursivas utilizadas durante a realização desses cursos. Por um lado, observamos a linguagem utilizada pelo técnico, que representa o saber científico; por outro lado, analisamos a forma como os assentados - sujeitos que representam o conhecimento empírico - absorvem, aceitam, adequam ou mesmo refutam o gênero científico. Para

isso, propomo-nos a responder aos seguintes questionamentos: 1) Quais os gêneros discursivos mais utilizados pelos sujeitos nos cursos realizados no Assentamento *Poções*? 2) Como se dá a adequação desses gêneros no processo sociointeracional? 3) Como o sujeito assentado se adapta à presença dessas novas vozes representadas pelo saber científico?

Visando responder a esses questionamentos, fazemos um percurso por alguns autores como Saussure e Bakhtin e Koch, atentando para sua concepção acerca de *língua*, para justificarmos a postura adotada neste trabalho.

Segundo Saussure, a língua é um sistema de signos linguísticos, no qual, “de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (SAUSSURE, 1970, p. 23). Para ele, a língua é dividida em duas partes: *langue* e *parole*. Este autor não nega a existência do sujeito falante, apenas não se ocupa em estudá-lo.

Segundo Koch (2003), no livro *Conversas com linguistas*, a língua é um tanto difícil de definir e pode ser vista simultaneamente como um sistema e como uma prática social. Entende-se, assim, que a língua é um sistema, mas ela só se realiza como prática social.

Por outro lado, Bakhtin (2010) defende que a língua não pode ser compreendida simplesmente como um sistema de representação mental ou apenas um sistema de comunicação, nem uma enunciação monológica isolada, ela é uma atividade social, histórica e promove a interação entre os indivíduos (BAKHTIN, 2010). É essa concepção que adotamos, uma vez que também defendemos a língua tanto como sistema, quanto como atividade social, histórica e que promove a interação entre os indivíduos. Essa escolha de nos guiar pela teoria bakhtiniana justifica-se, já que o ambiente do assentamento é povoado de muitas vozes que se entrecruzam, firmando o conceito de linguagem que envolve história, indivíduo e sociedade, em uma relação dinâmica entre produção, circulação e recepção de textos. (BRAIT, 2000).

Dentre as muitas pesquisas acerca da linguagem e aquelas realizadas em assentamentos, chamou-nos a atenção o trabalho de Fernandes (2001), quando, em sua tese de doutorado, investigou a formação discursiva de um grupo de assentados a partir da inte-

Os gêneros discursivos no assentamento Poções-go como recurso para a contraposição de vozes entre sujeito empírico e científico

raçãodesses com outros grupos sociais que seriam a favor ou contra o Movimento de Luta pela Terra, em um grupo de Sem-Terra do Triângulo Mineiro. Esse autor focalizou os dêiticos temporais e espaciais e considerou que essas categorias linguísticas possibilitam resgatar a constituição dos sujeitos, bem como seus percursos interacionais (FERNANDES, 2001). Esse pesquisador analisou ainda os diferentes sentidos de “terra” como função social, a qual possibilita a reintegração social desses sujeitos assentados.

Já Pimentel (2007) analisou os conflitos que acontecem entre assentados e técnicos; esses últimos, representando as regras instituídas pela política pública, mas tendo o compromisso de fornecer assistência técnica a duas áreas de assentamento na região de transição entre a Serra do Mar e as planícies litorâneas dos Goytacazes, situadas no estado do Rio de Janeiro.

Nosso trabalho não questiona as situações conflitantes entre técnicos e assentados, nem se interessa por aqueles que são contra ou a favor dos assentamentos. Embora nossa investigação tenha acontecido em um assentamento e investigado o processo sociointeracional, tivemos a preocupação de verificar diferentes dimensões de uso da língua por meio da adaptação de gêneros do discurso no assentamento *Poções*, em situações formais e informais. Sustentamo-nos em Bakhtin (2003) e seus debatedores quando postulam que a variedade da atividade humana é infinita e para cada esfera dessa atividade há um repertório de gêneros do discurso que se ampliam, que se modificam, desde a curta réplica do diálogo cotidiano às mais variadas formas de exposição científica.

Durante nossas visitas ao assentamento, percebemos que, em vários momentos, em um processo interativo com os assentados, as equipes visitantes utilizam-se da comunicação verbal espontânea e informal, ou seja, dos gêneros primários, que “ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios” (BAKHTIN, 2003, p. 281).

Acreditamos, assim, que este trabalho poderá contribuir para direcionar a atuação de professores e técnicos junto a esse grupo tão heterogêneo, pressupondo que já possuem seus saberes

adquiridos na vivência do assentamento e no próprio conhecimento de mundo já acumulado em sua memória. (FERNANDES, 2007).

É importante ressaltar que os gêneros evoluem tanto na oralidade como na escrita, uma vez que eles funcionam como uma resposta às demandas de determinado contexto social, readaptando, inovando, pois

a palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato. (BAKHTIN, 2010. p. 116).

Os gêneros discursivos no assentamento: Poções-go como recurso para a contraposição de vozes entre sujeito empírico e científico

317

Assim, o mapeamento dos gêneros que circulam pelo assentamento contribui para enriquecer o estudo acerca dos gêneros discursivos, dessa variedade de que fala Bakhtin. Partindo da ideia de que o gênero está imbricado na variedade da atividade humana, faz-se necessário investigar o papel do sujeito assentado na adaptação desses gêneros, pois “toda compreensão plena real é ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2003, p. 272).

Ao lado dessa perspectiva, pode-se dizer que os gêneros são os textos com os quais nos deparamos em nossa vida diária, são infinitos, dada sua variedade e complexidade. Como bem situa Marcuschi (2009), eles se expressam em várias designações, constituindo listagens abertas. Portanto, gêneros não são estruturas rígidas, imutáveis, mas sim entidades dinâmicas. Embora não sejam estruturas rígidas, os gêneros condicionam as escolhas, de certa forma até impõem restrições e padronizações, não no sentido de limitar, mas de variar, readaptar, ressignificar os já existentes.

2 DIALOGANDO COM OS GÊNEROS

Os gêneros são utilizados nos momentos de interação com o meio social. Ao comunicarmos, certamente levamos em conta, ainda que imperceptivelmente, que nosso interlocutor também compartilha conosco o gênero de que estamos fazendo uso no

momento da enunciação. Utilizamos uma multiplicidade de gêneros de acordo com o sujeito a quem nos dirigimos e também de acordo com o lugar de onde enunciamos. Assim, se falamos do lugar de professor, de mãe, de patrão ou do lugar de cientista, geralmente apoderamo-nos de gêneros diversificados. No contexto do assentamento, registramos a presença do técnico em criação de galinhas e do instrutor em cozinha rural. Logo, de um lado encontram-se esses profissionais munidos de todo um aparato técnico e científico. De outro, os assentados que ora se apresentam como alunos, ora como produtores agrícolas.

Já de início, ao apresentar o propósito dos cursos, o técnico em cozinha rural (T) coloca as condições para participar dos encontros, dentre elas, o uso do avental, do cabelo preso e utilização de touca na cabeça. Condições essas que já fazem parte da adequação ao gênero. Nas primeiras falas, em que o gênero *projeto de cozinha rural* é apresentado como gênero escrito oralizado, com detalhes acerca de seus objetivos e metodologia, praticamente não há alternância na fala dos sujeitos envolvidos, o signo parece preencher apenas a função ideológica científica: verdadeira, única, inquestionável. Assim, não se verifica a interação, o gênero não está em consonância com a concepção bakhtiniana quando diz que “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (BAKHTIN, 2010, p. 117). Esse autor refere-se à palavra como um fenômeno social que propicia a interação verbal, constitutiva da linguagem de todo ser humano. Nesse caso, a palavra não foi essa ponte, uma vez que não houve uma conexão entre técnico e assentados.

Em outro momento, por ocasião da entrevista feita após o término do curso, C1 afirmou:

No começo, quando ele (o técnico) ficava só lendo, a gente ficava tudo boiando, era até engraçado, num entendia nada. Depois, quando a gente começou a colocar a mão na massa, aí sim, nois entendeu direitinho o que ele queria dizer e até deu conta de fazer as comida.

Evidenciamos na fala dessa colaboradora que ela não tem conhecimento do gênero “projeto”, de linguagem técnica. Isso nos retoma a menção que Marcuschi (2009) faz ao gênero, dizendo que devemos estar atentos às diferenças interculturais, uma

vez que a escolha de um gênero pode ser cabível como função interativa em determinada cultura e não sê-lo em outra. Relembramos Motta-Roth (2011), quando ela apresenta a dificuldade de descrever uma única metodologia, enfatizando que é necessário escolher a forma mais interessante para atender a cada contexto em particular, bem como “as relações entre os participantes do evento social, seus propósitos comunicativos e o modo como a interação se desenvolve na consecução desses propósitos” (MOTTA-ROTH, 2011, p. 154).

Reiteramos ainda a pergunta dessa autora quando ela questiona se há um contraste entre os participantes que têm mais ou menos experiência no gênero. Em nossa observação, o representante do conhecimento científico, no caso, o técnico domina com certa facilidade o gênero “projeto”; no entanto, o mesmo não acontece com os assentados.

3 A CONTRAPALAVRA

Para superar esse contraste entre os falantes, Bakhtin (2010) sugere que, para compreender a enunciação de outro sujeito, é necessário orientar-se em relação a essa enunciação e situá-la de acordo com o contexto. Esse autor salienta também que cada palavra proferida pelo nosso interlocutor corresponde a uma série de palavras nossas, que vão se transformando em uma réplica, uma contrapalavra. Sabemos, pois, que a compreensão está diretamente ligada à possibilidade de réplica, o que significa que seremos sempre interpelados pela palavra do outro.

Após a leitura do projeto, quando o T falava da necessidade de seguir todas as normas definidas pela instituição que o patrocinava, ele comentou acerca do investimento que sua instituição estava fazendo e deixou claro que um dos gêneros que seriam exigidos dos envolvidos seria a prestação de contas mensal, a qual seria requisito básico para liberação de materiais futuros. Após sua exposição, C2 indagou: “Vai ter fiscalização?”.

Essa pergunta nos remete ao interdiscurso que envolve a forma como os processos jurídicos são lentos e a fiscalização costuma ser falha em nosso país, bem como à prática que os assentados têm de projetos anteriores. Os sentidos convocados pela

*Os gêneros discursivos no assentamento
Poções-go como
recurso para a contraposição de vozes
entre sujeito empírico
e científico*

pergunta “Vai ter fiscalização?” pressupõem que em outros projetos, ou em outras ocasiões, a fiscalização não aconteceu. Há um forte embate entre o que propõe o técnico e o que realmente é feito. Poder-se-ia dizer que aqui se instaura o seguinte não-dito: “se não houver fiscalização, não preciso fazer a prestação de contas.” Assim, ao conduzir para o interdiscurso, o questionamento de C2 nos remete a toda uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo na sua historicidade, em sua significância, mostrando tanto seus compromissos políticos quanto ideológicos (ORLANDI, 2001), pois ao observar as condições de produção e verificar o funcionamento da memória, esse sujeito assentado inscreve-se em uma formação discursiva na qual está inserido, no caso, a realidade do assentamento.

4 O GÊNERO

Tanto esse gênero “prestação de contas” como qualquer outro gênero discursivo possui uma imensa carga de valores, o que significa que, dependendo da formação social, determinado gênero é tido como pertinente ou não a alguma situação de ação (MACHADO, 2005). Dessa forma, novas formas discursivas podem emergir em determinadas circunstâncias para solucionar uma situação conflitante, por exemplo.

Na aula prática de *cozinha rural*, o clima de descontração contribuía para a emergência dos mais variados gêneros da oralidade, tais como: troca de receitas, sugestões de boa conservação dos alimentos, variação de preços de artigos de culinária, preferência de cardápio da família, dicas de economia na cozinha, entre muitos outros. Durante um desses momentos, houve uma discussão acalorada acerca dos candidatos a prefeito nas duas cidades vizinhas ao assentamento: Ceres e Rialma. Por se tratar de cidades relativamente pequenas, as pessoas têm certa aproximação com esses aspirantes ao cargo público. A discussão foi se acentuando, cada um defendendo determinado candidato, até que o ministrante do curso interveio e contou uma piada. Todos começaram a rir e imediatamente o gênero *receitas* retomou sua posição de destaque.

Diante desse fato, referimo-nos a Bazerman (2011, p. 32)

quando ele diz que “Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras [...] para **coordenar atividades** e compartilhar significados com vistas a seus **propósitos práticos**” (grifo nosso). Desse modo, observamos que o gênero *piada* funcionou como uma estratégia para acalmar os ânimos e retomar o foco da aula. Assim, a função enunciativa dos gêneros fica evidenciada não só como forma de partilha de saberes, mas também de controle social.

É possível perceber como todo gênero faz parte de atividades socialmente organizadas. No contexto do treinamento, no momento em que o foco parecia desviar-se para situações polêmicas e contraditórias, o gênero *piada* contribuiu para que as atividades sociais retomassem sua forma, seus propósitos práticos, no caso, o bom andamento do curso. Possivelmente, se alguém tentasse convencê-los a mudar de assunto e retomar o foco, não surtiria o mesmo efeito que a intervenção por meio do gênero *piada*.

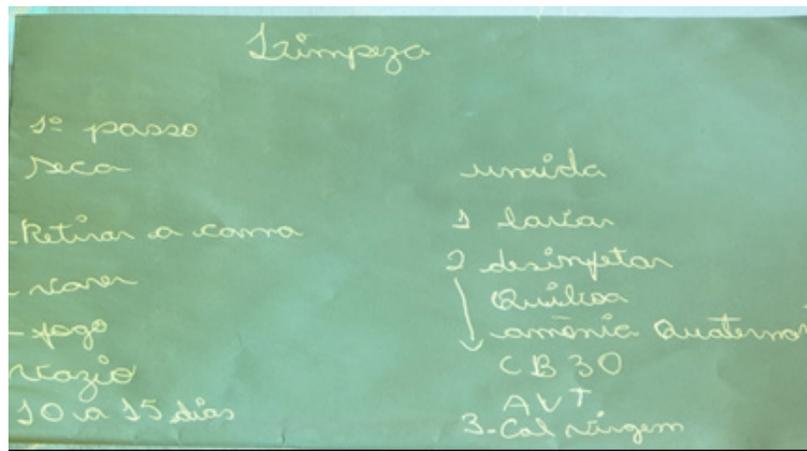
4.1 Os gêneros do cotidiano

Em outra etapa deste estudo, em que demos continuidade ao gênero *entrevistas*, procuramos investigar quais os gêneros científicos que continuavam a circular pelo assentamento, uma vez que, ao concluir o curso *Criação de Galinha Caipira*, todos os participantes receberam uma apostila contendo uma cópia completa do projeto, desde as etapas de construção do galinheiro às noções de higienização. Em relação a esse material escrito, ouvimos de C2: “A gente não lê tudo desse livro que ele deu, não, a gente só anota numa folha o jeito de fazer (o galinheiro) e o jeito de limpar ele.”

Folheando esse material escrito, percebemos que as informações contidas em uma média de cinco a seis páginas foram transportadas (Figura 2) em apenas meia folha de caderno. Dessa forma, esse depoimento assemelha-se à opinião de alguns leitores que, durante o processo de desenvolvimento da escrita e consequentemente do aprimoramento dos livros, por volta dos anos 1450, começaram a julgar os volumes dos livros como grandes, pesados, desconfortáveis e difíceis de manusear (MANGUEL,

Os gêneros discursivos no assentamento
Poções-go como
recurso para a con-
traposição de vozes
entre sujeito empírico
e científico

2000). Visando à minimização desses problemas, alguns dos nossos colaboradores procuram “facilitar” o entendimento do gênero científico. Nessa figura 2, por exemplo, o texto escrito contendo os passos para limpeza da granja deixou seu suporte imediato (a apostila) para se inscrever no mural improvisado da cozinha (parede) ou na porta de entrada do galinheiro.



Ordina Maria da
Silva Macedo

Eliane Marquez da
Fonseca Fernandes

322

Figura 1 – Normas de asseio.

Fonte: foto da autora

Pode-se dizer que, nesse caso, houve uma tentativa de popularizar o gênero, tornando-o mais acessível a essa comunidade linguística, no caso, os assentados. Apoiamo-nos em Marcuschi (2009) para afirmar que o suporte é de extrema importância para a circulação do gênero na sociedade. Na necessidade imediata e prática da dona de casa, o gênero científico “higienização” exigiu um *suporte incidental* no dizer de Marcuschi (2009), tornou-se mais visível, mais acessível que aquele gênero fixado na apostila, que representa o *suporte convencional*.

Nessa fala, o sujeito assentado adota, em relação ao discurso do técnico, uma atitude responsiva ativa. No dizer bakhtiniano (2003), essa atitude permite que o ouvinte concorde, discorde, complemente, faça adaptações, execute ou não o comando de seu interlocutor. Assim, essa ouvinte não se mostrou um ser passivo, estático, pois sabemos que toda compreensão é passível de resposta, seja ela concordante ou discordante. Nesse caso, a colaboradora recebeu o gênero escrito e apenas posteriormente adaptou-o a

sua maneira em consonância com a afirmação de que “Os gêneros secundários da comunicação verbal, em sua maior parte, contam com esse tipo de compreensão responsiva de ação retardada.” (BAKHTIN, 2003, p. 292).

Considerações finais

Evidenciamos uma grande quantidade de gêneros discursivos durante os cursos que acontecem no Assentamento *Poções*, dentre os quais citamos: as formas de construção do galinheiro, cálculos matemáticos, vacinação, passos para escolha do local, receitas de comida, prevenção de acidentes, dicas de cozinha, etc. Constatamos a necessidade de adaptação de determinados gêneros científicos que contribuam realmente para melhor aquisição das técnicas apresentadas. A observação participante levou-nos a perceber que os sujeitos envolvidos no curso não apresentam resistência declarada às normas científicas. No entanto, após seu término, acatam alguns gêneros, adaptam-nos, descartam outros, de acordo com o contexto sócio-histórico do assentamento. Percebemos ainda que, quando o gênero não é reconhecido pelos participantes, ou seja, quando o técnico utiliza determinado gênero discursivo que não faz parte de seu contexto imediato, a interação fica comprometida, praticamente não há alternância entre os falantes. Assim, comprova-se a concepção dialógica de Bakhtin, de que a palavra precisa ser atravessada pela palavra do outro, estabelecendo sentido entre os enunciados.

Portanto, esses enunciados apresentam-se como um espaço em que pode haver luta entre diferentes vozes sociais, no caso, a voz da empiria e a voz da ciência. Confirmamos ainda a teoria marcuschiana (2009) que diz que o gênero está presente em toda e qualquer espécie de comunicação dos homens, ora como recurso para resolver situações conflitantes, ora para refletir e refratar a realidade.

Os gêneros discursivos no assentamento Poções-go como recurso para a contraposição de vozes entre sujeito empírico e científico

Discourse genres in *poções* – go settlement land reform as a resource for contrastive voices between empirical and scientific subject.

Abstract: The goal of this article is to map the discourse genres used in *Poções* – GO Settlement Land Reform, during some courses that come about this place as well as describe the way these different subjects relate each other into a socio-interactive process. We have as a support the bakhtiniana theory that there is a diversity and heterogeneity of genres all around human communication. Observing the interactive process, we noticed some interviewing of voices between science and empiric knowledge into the choices those people make for a specific genre. After getting in touch with this people through participant observation besides interviews, we noticed that some scientific genres can turn into another ones, according to socio-cultural needs. Besides that, these genres appear according to the subject position and the roles this subject assumes, in a process of profound diversity, heterogeneity and dialogism.

Keywords: Genre. Subject. Interaction.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo: P. Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução: M. Lahud e Y. Vieira. 14. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2010.

BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. 4. ed. Tradução: J.C. Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRAIT, B. PCNs, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade. In: ROJO, R. (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: Educ; Campinas, SP:

Ondina Maria da
Silva Macedo

Eliane Marquez da
Fonseca Fernandes

324

Mercado de Letras, 2000. p. 15-25.

FERNANDES, C. A. *Interação social e formação discursiva no movimento de luta pela terra*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Uberlândia, MG, Uberlândia, MG, 2001.

FERNANDES, E. M. F. *A produção escrita e reescrita: indícios significativos no processo de produção de textos*. 2007. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

KOCH, I.V. O que é língua? In: CORTEZ, S.; XAVIER A. (Orgs.). *Conversas com linguistas - virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.

MACHADO, A.R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER at al. (Org.) *Gêneros – teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 237-259.

MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. 2. ed. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3. ed. São Paulo: Parábola. 2009.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. Classificação da Pesquisa. In: _____. *Metodologia científica para o professor pesquisador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. p. 69-94.

MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, Acir Mario; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011.

ORLANDI, E.P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 2001.

Os gêneros discursivos no assentamento Poções-go como recurso para a contraposição de vozes entre sujeito empírico e científico

PIMENTEL, V. C. *Assentamento é mais que um “projeto”*: a assistência técnica nos assentamentos rurais. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PROHAN, Projeto Hanseníase e Desenvolvimento Comunitário. *O Vale do São Patrício* - Cenário Regional. Disponível em: <www.aguasdocerrado.com.br/saopatricio.htm>. Acesso em: 15 out. 2012.

Ordina Maria da
Silva Macedo

Eliane Marquez da
Fonseca Fernandes

326

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; ROTH, D. M. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

SANDÍN ESTEBAN, M. P. Bases conceituais da pesquisa qualitativa. In: _____. *Pesquisa qualitativa em educação – fundamentos e tradições*. São Paulo: AMGH, 2010. p. 122-144.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Tradução: A. Che lini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970. (Org. Charles Bally e Albert Sechehaye).

SOUZA, A. P. Leitura de imagens: a subjetividade em questão. *Signótica*, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 405-433, jul./dez. 2012.